



GT 17. Antropologias da paisagem

Coordenador(es):

Thiago Mota Cardoso (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Pedro Castelo Branco Silveira (Fundaj)

Sessão 1 - HABITAR PAISAGENS

Debatedor/a: Emmanuel Duarte Almada (UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais)

Sessão 2 - COSMOPOLÍTICA DAS PAISAGENS E MODOS DE RESISTÊNCIA

Debatedor/a: Rafael Palermo Buti (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Sessão 3 - PAISAGENS NO/DO ANTROPOCENO

Debatedor/a: Karine Lopes Narahara (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Paisagem é uma categoria que tradicionalmente ganhou pouco destaque nas discussões antropológicas, geralmente compreendida a partir de suas dimensões estéticas e representacionais, especialmente aquelas relacionadas ao campo visual. Recentemente, abordagens processuais das paisagens tem ganhado força a partir, por um lado, do questionamento das fronteiras entre natureza e cultura, com autores contemporâneos como Philippe Descola, Tim Ingold e Anna Tsing e, por outro lado, com abordagens que incluem a dimensão da ecologia política e do reconhecimento público de paisagens como patrimônio imaterial de povos e comunidades tradicionais. O GT discutirá as diversas possibilidades do uso do conceito de paisagem na antropologia, incluindo abordagens estéticas e processuais, dimensões visuais, sonoras ou táteis, e suas relações com outros conceitos antropológicos tais como território, terra, lugar, ambiente e patrimônio, e com os debates sobre o Antropoceno. São encorajadas experimentações etnográficas que se fazem em diálogos com outras disciplinas que se utilizam desta categoria, entre elas a geografia, a ecologia e as artes visuais.

Uma indústria em ruínas e os ruídos na vida e na paisagem incerta no tempo do Antropoceno

Autoria: Fernando Firmo Luciano (UFV - Universidade Federal de Viçosa)

De 2011 para cá estudo os impactos de um grande projeto desenvolvimentista na região do Vale do Aço-MG. Minhas primeiras atenções e impressões focaram na escrita de uma história operária sobre a industrialização do leste de Minas Gerais. Estudei, sobretudo, os operários da indústria do aço, a construção de uma company town, as controvérsias entre uma ?modernização? pulsante de um parque industrial siderúrgico e as práticas rudimentares empregadas no funcionamento de máquinas que trabalhavam em plena sinergia destrutiva com seus operadores. Descrevi deslocamentos territoriais, do campo para o parque industrial, e seus efeitos como a formação de uma suposta primeira classe operária industrial no Brasil, formada eminentemente de imigrantes e agricultores. A geração de ?homens do aço? que figura em minha tese como coletivo, em sua maioria, estes homens sentiam-se privilegiados ao olharem da janela de suas casas e mirarem a chaminé da indústria (vomitando seus resíduos de pó e fumaça) encravada na paisagem, em suas vidas, há algumas gerações. Entretanto, privatizações, demissões em massa, perda de benefícios e poder aquisitivo, aparição de doenças devido a altas taxas de emissões de metais pesados na atmosfera, rompimento de barragens, seguidos de sentenças científicas de que novos rompimentos de barragens como a de Itabira-MG podem varrer do mapa toda a arquitetura de um sistema mundial produtivo dedicado a cadeia do aço, incluindo seus trabalhadores, soa em uma frequência tão alta e (quase) inaudível para um coletivo diverso que suas ações,



engajamentos mostram-se um coro, por vezes, uníssono, ao declararem-se inimigos da empresa levantando a bandeira de que ?somos natureza ou não seremos nada?. São vidas que acompanho desde então, unidas a minha por afetos e feitos variados, que tomo como casos-limites para discutir os efeitos práticos de um modelo industrial de acumulação em decadência que continua a arrasar o território e arrastar seus viventes para um futuro agonizante e desesperador.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: